

COMENTÁRIO
EXEGÉTICO

ROBERT
H. STEIN

MARCOS

Bob Stein escreveu um excelente comentário sobre o Evangelho de Marcos. Está repleto de interpretações perspicazes, mas, ainda assim, é muito fácil de ler. Estudiosos, pastores, estudantes e leigos apreciarão a maneira em que Stein aborda, sem rodeios, as questões difíceis e apresenta soluções sensatas. Ler este comentário dá ao leitor uma noção real daquilo que o Evangelista Marcos estava tentando dizer e de como seus leitores originais devem tê-lo entendido.

Craig A. Evans, professor titular da cátedra Payzant de Novo Testamento, Acadia Divinity College, Nova Escócia, Canadá

Este abrangente comentário é a obra madura de um estudioso evangélico de primeira linha. As análises são solidamente embasadas, e as posições adotadas são ponderadas e equilibradas. Qualquer leitor que se debruce sobre o Segundo Evangelho encontrará ajuda importante aqui, em particular no que diz respeito à teologia e ao propósito do Evangelista.

Klyne Snodgrass, professor da cátedra Paul W. Brandel de Estudos do Novo Testamento, North Park Theological Seminary, Chicago

Robert H. Stein escreveu um excelente comentário sobre Marcos 1.1—16.8. Ele explica de forma muito adequada o propósito e a estrutura do Evangelho, analisa detalhadamente os versículos problemáticos, seleciona ponderada e criteriosamente as perspectivas de outros comentaristas e explica por que pensa que Marcos conclui o seu Evangelho em 16.8. Por isso, o comentário de Stein será uma valiosa obra de referência para pastores e pregadores, estudantes do Novo Testamento e professores de estudos bíblicos.

Joseph A. Fitzmyer, S.J., professor emérito da área de Estudos Bíblicos, Catholic University of America, Washington

Este é um comentário substancioso do Evangelho de Marcos. Stein [...] tem um domínio seguro da literatura erudita sobre Marcos e fornece uma exposição profunda, abrangente e equilibrada do texto desse Evangelho.

Donald Senior, CP, *Bible Today*

Marcos, de Robert Stein, representa uma contribuição muito significativa para a erudição evangélica. Stein escreveu um comentário sólido, maciço e muito

respeitável do Segundo Evangelho. O comentário de Stein é uma contribuição importante que deve estar no topo da lista de desejos de um pregador evangélico.

— *Preaching*

Stein tem labutado no campo dos Evangelhos Sinóticos em geral e do Evangelho de Marcos em particular já há muitos anos. Este novo comentário é a colheita desses anos de trabalho muito frutífero, e o resultado de um tratamento cuidadoso, incisivo e erudito do texto do Evangelho canônico mais antigo. [...] Stein fornece observações muito úteis nas seções de exegese de seu comentário, e há algumas surpresas, com interpretações tradicionais propostas com argumentos mais fortes do que apresentados anteriormente. Este é um tratamento extremamente claro do texto e será benéfico tanto para os clérigos quanto para os estudantes. [...] Um comentário que realmente vale a pena possuir, e que será considerado um dos tratamentos eruditos de referência do Evangelho de Marcos.

Paul Foster, *Expository Times*

Este é mais um daqueles comentários do Novo Testamento que busca combinar a profundidade acadêmica com a ‘legibilidade’, o detalhe exegético com a sensibilidade para com o todo, a atenção aos problemas críticos com a percepção teológica. [...] Stein está particularmente bem preparado para escrever um comentário do Evangelho de Marcos com essas características. Durante anos ele se dedicou à pesquisa erudita desse Evangelho e também ao treinamento pastoral. [...] O resultado é um comentário que se destaca tanto pela sua erudição quanto pela sua utilidade prática para pastores. [...] As respostas de Stein às questões de interpretação são consistentemente bem refletidas e estão fundamentadas em evidências. Ao mesmo tempo, o comentário nunca se torna enfadonho ou perdido em detalhes [...] Seu comentário mostra senso de equilíbrio e profundidade de ideias [...] A exegese cuidadosa neste comentário serve como evidência de que Stein pensou com muita frequência e profundidade sobre o Evangelho de Marcos.

Joel F. Williams, *Review of Biblical Literature*

Esta é uma obra valiosa e significativa escrita por um estudioso que trabalhou com os Evangelhos durante muitos anos. [...] A exposição é de elevada qualidade,

como se espera de Stein. O pregador que quer um comentário mais detalhado de Marcos fará uma escolha excelente ao optar por esta obra.

Ray Van Neste, *Preaching*

Stein organizou seu escrito e a análise do material de forma tal que estejam claros e sejam úteis; e seus leitores ainda serão beneficiados pelo conhecimento de questões críticas do autor. [...] Um dos valores deste comentário, na minha opinião, é a soma de uma carreira inteira de tradição evangélica consistente e uma elevada consideração pelo texto das Escrituras. [...] Stein escreveu um comentário valioso do Evangelho de Marcos. Sua exegese evangélica tradicional no formato corrente é acessível e útil igualmente para o estudante, o pastor e o erudito e deve ser aplaudida como o fruto excelente de muitos anos de estudo dos Evangelhos.

Michael H. Burer, *Journal of the Evangelical Theological Society*

Leitores de muitos tipos, estudiosos, pregadores, professores — em resumo, todos os estudantes desse Evangelho — encontrarão aqui uma grande quantidade de informações sobre o Evangelho segundo Marcos, o melhor da discussão acadêmica e a própria abordagem interpretativa de Stein. [...] Esta obra pode certamente ser consultada com muito proveito, mais especialmente no tratamento de perícopes individuais e nas notas adicionais sobre a tradução e a crítica textual. [...] O comentário de Stein é altamente recomendável no sentido de que reúne muita erudição e apresenta um texto que é legível e instrutivo para um público bastante abrangente de estudantes desse mais antigo evangelho.

T. A. Friedrichsen, *Ephemerides Theologicae Lovanienses*

Este novo comentário de Marcos é claramente o resultado de uma visão geral atenta de obras recentes sobre Marcos. [...] Este é um comentário muito sólido, que é digno de seu lugar especial em qualquer prateleira de obras que tratam do Evangelho de Marcos. O comentário tem muitas seções úteis, como, por exemplo, a dos temas-chave de Marcos. Há detalhes preciosos em cada página. O volume oferece erudição excelente e admirável, e bem trabalhada. É um digno monumento a uma carreira de pesquisa e escrita sobre Jesus e os Evangelhos.

Sean P. Kealy, CSSp, *Catholic Biblical Quarterly*

Stein produziu um comentário acessível sobre o Evangelho de Marcos que revela seu conhecimento extenso do livro tanto no seu contexto histórico quanto na esfera dos estudos contemporâneos dos Evangelhos. Stein atinge de forma elogiável o alvo do comentário que é a leitura inteligível do Evangelho, na sua profundidade e conteúdo, de uma perspectiva que defende a veracidade e a unidade essencial das Escrituras. Stein argumenta de forma convincente, conduzindo o leitor de ponto a ponto, sem atravancar o texto com excessivas notas de rodapé. O comentário é fácil de ser usado. Entre as características especiais está a ideia de seguir o roteiro das unidades de pensamento de Marcos em vez de avançar versículo por versículo. [...] Especialmente útil é o resumo em forma de esboço no início de cada nova seção. [...] O comentário contém quatro índices bastante úteis. [...] Stein nos apresenta um comentário bem pesquisado, cuidadosamente escrito e fácil de ler, tendo como foco a elucidação do mundo antigo do Evangelho de Marcos e a mensagem de Marcos para a igreja. Este comentário será um acréscimo muito valioso à biblioteca do pastor e servirá bem como material a ser usado em um curso de estudo bíblico em um seminário teológico.

Lynn H. Cohick, *Bulletin for Biblical Research*

O comentário de Marcos, de Robert Stein, é o resultado de uma longa carreira de um dos mais renomados autores que escrevem de uma perspectiva tradicional. [...] Seu conhecimento especializado do grego fica evidente em todo o comentário, bem como sua habilidade de expressar nuances exegéticas com linguagem clara e acessível. Isso permite que o comentário seja útil para uma grande diversidade de leitores. Os estudantes sérios de Marcos e dos Evangelhos, os pastores, eruditos e também leigos, bem como bibliotecas de seminários e de escolas superiores de teologia encontrarão no comentário de Stein um recurso precioso.

Thomas Anderson, *Religious Studies Review*

Escrito por um autor renomado e conhecido por uma vida inteira de trabalho nos Evangelhos Sinóticos, este volume é uma *magnum opus*. [...] Stein sabe de cor e salteado e tem na ponta da língua a sua erudição sobre Marcos, e assim mantém um diálogo bem fundamentado com seus interlocutores; sua avaliação das conclusões relevantes da crítica da forma e da redação é especialmente perspicaz e sensata.

Gordon Campbell, *Journal for the Study of the New Testament*

Posto de forma simples, Stein escreve bem, sabe muito e, por isso, o leitor vai acabar sabendo mais também. Entre os comentaristas recentes, Stein se destaca. [...] Stein escreve de uma maneira magistral, sem soar pedante, e é um prazer genuíno ler seu texto. [...] Na verdade, não é relevante concordar ou não com Stein sobre uma dada perícopes. O que importa quando você prepara e escreve o seu sermão é que você tem agora um parceiro de conversa, e alguém que pode rapidamente indicar referências cruzadas e observar paralelos, tanto do Antigo Testamento quanto do mundo greco-romano mais amplo.

Peter J. Scaer, *Concordia Theological Quarterly*

Sumário

Prefácio da série <i>Comentário Exegético</i>	xi
<i>Prefácio do autor</i>	xv
<i>Reduções gráficas</i>	xvii
<i>Transliteração</i>	xxiii
<i>Mapa</i>	xxv
Introdução ao Evangelho de Marcos.....	1
Texto, exposição e notas.....	47
I. Prólogo: O início das boas-novas sobre Jesus Cristo, o Filho de Deus (1.1-13)	47
A. O testemunho de João Batista acerca de Jesus (1.1-8)	49
B. O batismo de Jesus (1.9-11)	67
C. A tentação de Jesus (1.12,13).....	77
II. Quem é esse Jesus? — primeira parte (1.14—3.6)	83
A. Um resumo da mensagem de Jesus (1.14,15)	85
B. Jesus chama os primeiros discípulos (1.16-20).....	93
C. O ministério de cura de Jesus em Cafarnaum e na Galileia (1.21-45)	100
1. A autoridade de Jesus como mestre (1.21-28)	101
2. Uma noite em Cafarnaum (1.29-34)	112
3. A crescente fama de Jesus (1.35-39).....	120
4. Jesus cura um leproso (1.40-45)	126
D. Os atos poderosos de Jesus em Cafarnaum e na Galileia (2.1—3.6)	135

1. Jesus perdoa os pecados de um paralítico (2.1-12)	138
2. Jesus janta com coletores de taxas e pecadores (2.13-17).....	150
3. Jesus e jejum não se misturam (2.18-22)	162
4. Jesus e o sábado, primeira parte (2.23-28)	171
5. Jesus e o sábado, segunda parte (3.1-6).....	183
III. Quem é esse Jesus? — segunda parte (3.7-6.6a)	191
A. Um resumo do ministério de Jesus (3.7-12).....	193
B. Jesus chama os doze apóstolos (3.13-19).....	203
C. Jesus, sua família e Belzebu (3.20-35)	215
D. Jesus ensina por parábolas (4.1-34)	233
1. A parábola de Jesus sobre o semeador, a semente e os solos (4.1-9).....	236
2. O propósito de Jesus em ensinar com parábolas (4.10-12)....	247
3. Jesus interpreta a Parábola dos Solos (4.13-20)	258
4. As parábolas de Jesus sobre a lâmpada e a medida (4.21-25) ...	268
5. As parábolas de Jesus sobre a semente que cresce em segredo e a semente de mostarda (4.26-34).....	277
E. Jesus — Senhor sobre a natureza, os demônios, as enfermidades e a morte (4.35-5.43)	288
1. Jesus — Senhor sobre a natureza (4.35-41).....	290
2. Jesus — Senhor sobre os demônios (5.1-20).....	299
3. Jesus — Senhor sobre a doença e a morte (5.21-43)	317
F. Jesus encontra incredulidade em Nazaré (6.1-6a).....	336
IV. Missão e incompreensão: terceira parte (6.6b-8.21)	346
A. Um resumo do ministério de Jesus e a missão de seus discípulos (6.6b-13)	349
B. A morte de João Batista (6.14-29).....	360
C. Jesus alimenta os cinco mil (6.30-44)	373
D. Jesus anda sobre o mar (6.45-52)	387
E. Um resumo das curas de Jesus em Genesaré (6.53-56)	400
F. Jesus e a tradição dos anciãos (7.1-23)	406
G. Jesus e a mulher siro-fenícia (7.24-30)	423
H. Jesus cura um surdo-mudo (7.31-37)	432

I. Jesus alimenta os quatro mil (8.1-9).....	442
J. Jesus recebe o pedido de um sinal (8.10-13).....	453
K. Os dois milagres em que Jesus alimenta multidões são lembrados (8.14-21).....	461
V. A caminho de Jerusalém: quarta parte (8.22—10.52)	470
A. Jesus cura o cego de Betsaida (8.22-26).....	472
B. A confissão de Pedro e a primeira predição da Paixão de Jesus (8.27-33).....	481
C. O convite de Jesus ao discipulado (8.34—9.1).....	494
D. Jesus é transfigurado (9.2-8).....	504
E. O Filho do Homem e a volta de Elias (9.9-13)	515
F. Jesus realiza um exorcismo difícil (9.14-29)	524
G. A segunda predição da Paixão de Jesus (9.30-32)	535
H. Os ensinamentos de Jesus sobre o discipulado (9.33-50)	539
I. O ensino de Jesus sobre o divórcio (10.1-12).....	553
J. Jesus abençoa as crianças (10.13-16).....	563
K. Jesus, o homem rico e a vida eterna (10.17-31)	569
L. A terceira predição da Paixão de Jesus (10.32-34).....	583
M. O pedido equivocado de Tiago e João (10.35-45).....	589
N. Jesus cura um segundo cego (10.46-52)	600
VI. A entrada de Jesus em Jerusalém: quinta parte (11.1—13.37)	610
A. A entrada messiânica de Jesus em Jerusalém (11.1-11)	613
B. O juízo de Jesus sobre a figueira e o Templo (11.12-25)	623
C. Jesus é questionado quanto à sua autoridade (11.27-33).....	642
D. A Parábola da Vinha (12.1-12).....	651
E. Os fariseus e herodianos tentam apanhar Jesus em um ardil (12.13-17)	665
F. Os saduceus tentam apanhar Jesus em um ardil (12.18-27).....	675
G. Um escriba pergunta a Jesus sobre o grande mandamento (12.28-34).....	685
H. A pergunta de Jesus sobre o Messias (12.35-37).....	696
I. A denúncia de Jesus contra os escribas (12.38-40).....	704
J. O ensino de Jesus sobre a grande oferta da viúva (12.41-44)....	709

K. O discurso escatológico de Jesus (13.1-37).....	715
1. Jesus prediz a destruição do Templo (13.1-4).....	721
2. Descrição da destruição vindoura do Templo e de Jerusalém (13.5-23).....	729
3. A vinda do Filho do Homem (13.24-27)	749
4. A lição da figueira (13.28-31)	757
5. A vinda do Filho do Homem e o chamado à vigiância (13.32-37).....	762
VII. A narrativa da Paixão: sexta parte (14.1—16.8).....	769
A. O plano para matar Jesus — Jesus é ungido por uma mulher anônima (14.1-11)	772
B. A Última Ceia — Jesus prediz a negação dos discípulos (14.12-31).....	785
C. Jesus ora no jardim do Getsêmani (14.32-42)	806
D. Jesus é capturado (14.43-52)	819
E. Jesus é julgado pelo Sinédrio (14.53-65)	829
F. Jesus é negado por Pedro (14.66-72)	845
G. Jesus é julgado por Pôncio Pilatos (15.1-15)	853
H. Jesus é crucificado (15.16-41).....	865
I. Jesus é sepultado (15.42-47)	886
J. Jesus é ressuscitado (16.1-8)	893
 <i>Bibliografia</i>	907
<i>Índice de passagens bíblicas</i>	957
<i>Índice de fontes extrabíblicas antigas</i>	1005
<i>Índice de palavras gregas</i>	1017
<i>Índice remissivo</i>	1021

Prefácio da série *Comentário Exegético*

Conforme narrado no livro de Atos, o encontro entre Filipe e o eunuco etíope na estrada de Jerusalém a Gaza foi obra do Senhor (At 8.26-39). Esse etíope trazia consigo uma cópia de pelo menos parte das Escrituras, e estava lendo o livro do profeta Isaías. Ao ouvi-lo ler, Filipe indagou: “Entendes o que estás lendo?” (At 8.30).

Ao escrever um comentário, é difícil almejar propósito mais premente do que este: *achegar-se ao leitor das Escrituras para conduzi-lo à compreensão do significado do que lê* — e fazê-lo de modo não apenas informativo, mas também transformador. Esse é o objetivo da série *Comentário Exegético*, de Edições Vida Nova. Seu trabalho interpretativo não pode ter melhor razão para existir nem melhor objetivo. Serve ao propósito de conduzir o leitor à interpretação precisa do texto da Escritura, além de proporcionar um meio de confirmação e validação das interpretações às quais seu estudante tenha chegado no processo hermenêutico e exegético, com vistas à aplicação pessoal ou à exposição da mensagem escrita. Isso porque vivemos em um mundo caído e aflito que precisa de direção. Precisa, portanto, da Palavra de Deus.

Mas o caminho da leitura à prática nem sempre é direto e rápido. Para compreender o texto bíblico, são necessárias boas ferramentas, e entre as mais úteis estão os comentários bíblicos. Existem vários tipos de comentários. Os que integram a série *Comentário Exegético* são daqueles que se aprofundam na compreensão do texto original da Bíblia por meio de uma exegese detalhada, justamente com o propósito de levar o leitor das Escrituras à prática da vontade de Deus.

Assim, os comentários desta série apresentam as seguintes características:

- aliam profundidade acadêmica e facilidade de leitura;
- atendem às necessidades de pastores e demais pregadores da Palavra inspirada;

- são compreensíveis ao leigo interessado no conhecimento mais profundo da Escritura;
- são minuciosos no tratamento de cada texto, sem exagerar nos detalhes;
- tratam a exegese não como um fim em si mesma, mas como recurso para a compreensão do todo;
- apresentam questões das línguas originais de forma acessível;
- têm por objetivo entender cada perícopo em seu contexto, associando cada passagem ao que vem antes e depois;
- reúnem autores que pertencem a uma tradição teológica conservadora e são oriundos de diversas orientações dentro do universo evangélico;
- buscam representar o texto original de modo apurado, claro e que faça sentido para o leitor de hoje.

Além dessas características, há ainda aspectos que diferenciam os comentários que compõem esta série.

Primeiramente, e acima de tudo, ocupam-se *do texto* das Escrituras. Não significa dizer que não deem atenção ao longo desenvolvimento das pesquisas escriturísticas e ao debate acadêmico. Significa, antes, que se esforçam em apresentar um comentário *do texto* e não do debate acadêmico. Portanto, o resultado central e principal desse trabalho é um guia de fácil leitura, reservando para as notas de rodapé (ou notas adicionais ao final de cada seção) a interação com as questões críticas e a respectiva literatura técnica. Ocupar-se, porém, do texto das Escrituras não significa que a série tenha evitado certos métodos críticos ou tenha exigido que cada autor siga uma abordagem definida. Em vez disso, foram adotados as abordagens e os métodos necessários, sempre norteados pelo propósito maior de ajudar cada autor na tarefa de deixar claro o significado desses textos.

Em segundo lugar, os autores da série identificam-se conscientemente como seguidores de Cristo que leem as Escrituras a serviço da igreja e de sua missão no mundo. Ler as Escrituras dessa forma não significa garantir algum tipo específico de interpretação. Significa entender que, na história da interpretação, há épocas em que as Escrituras trazem uma palavra necessária de confronto, chamando o povo de Deus de volta a sua vocação. Já em outras ocasiões, as Escrituras oferecem uma palavra de consolo, lembrando o povo de Deus de sua identidade, de que ele segue a um Messias crucificado e serve a um Deus que vindicará seus caminhos e seu povo.

A terceira característica que distingue esta série é o fato de seus comentários reconhecerem que nossa leitura das Escrituras não pode estar descolada

da realidade do mundo em favor do qual a igreja cumpre sua missão. Pois como C. S. Lewis assinalou, com razão, em seu conto *O sobrinho do mago*, “o que você ouve e vê depende do lugar em que se coloca”.¹ Esse lugar é o mundo em que estamos, o qual nos pressiona com perguntas que não deixam de instruir nosso trabalho de interpretação. Assim, não basta expor aquilo que Deus disse outrora, pois precisamos ouvir vezes sem conta aquilo que o Espírito, por meio das Escrituras, está dizendo à igreja hoje. Por conseguinte, precisamos examinar o significado teológico daquilo que lemos e como essa mensagem pode fincar pé no coração das pessoas.

Por último, a série *Comentário Exegético* foi elaborada por meio da seleção de volumes oriundos de algumas das melhores e mais atualizadas séries de comentários produzidas em língua inglesa. São obras que se situam em um ponto intermediário entre comentários mais críticos e acadêmicos — que incluem citações não traduzidas do grego, do aramaico ou do latim, por exemplo — e comentários homiléticos — os quais tentam trocar em miúdos como um texto das Escrituras pode ser transmitido, em forma de ensino ou pregação, à igreja reunida.

Nossa esperança é que aqueles que estão se preparando para ensinar e pregar a Palavra de Deus encontrem nestas páginas a orientação de que precisam. E que aqueles que estão aprendendo a fazer exegese encontrem aqui um exemplo a ser seguido.

É com imensa satisfação, portanto, que disponibilizamos à igreja brasileira esta preciosa série de comentários bíblicos.

¹*As crônicas de Nárnia* (São Paulo: Martins Fontes, 2009), livro 1: *O sobrinho do mago*.

Prefácio do autor

Para ajudar o leitor, o formato seguido neste comentário divide em quatro partes cada seção que está sendo analisada. (1) Na primeira, em fundo cinza, há uma análise do contexto — tanto imediato quanto mais amplo — em que a seção se encontra. Esse contexto, dado por Marcos, fornece os meios para compreender a passagem em questão e como ela se encaixa na mensagem do Evangelho como um todo. As seções maiores de Marcos (1.1-13; 1.14—3.6; 3.7—6.6a; 6.6b—8.21; 8.22—10.52; 11.1—13.37; e 14.1—16.8) também são analisadas no seu respectivo início. (2) Na segunda, é apresentada uma tradução literal, em detrimento da fluência, a fim de ajudar na análise de palavras e expressões na seção de comentário. Grifos são usados para indicar ênfases no original. (3) Na seção de comentário, a análise é dividida também em subseções lógicas. Com frequência, vários versículos são colocados juntos como uma subseção, mas às vezes uma subseção contém apenas um único versículo. Aqui no comentário propriamente dito são analisadas as palavras, expressões, frases e informações que compõem a passagem. Algumas vezes, na seção de comentário, um tema importante de Marcos é analisado longamente e, mais adiante nesta obra, quando esse tema torna a surgir, indica-se ao leitor a análise original com um “veja” seguido pela referência (e.g., “veja 1.45”). (4) A quarta parte da análise de cada seção, intitulada “Resumo e contextualização” e também em fundo cinza, resume a mensagem de Marcos. Aí eu delinheiro as principais ênfases de Marcos na seção. É nessa parte do comentário — mais do que em qualquer outra — que eu procuro completar a frase: “Eu, Marcos, lhe contei esse relato/dito de Jesus porque...”. Nessa quarta parte o foco não está nas informações encontradas na passagem (quer acerca de Jesus, de João Batista, dos fariseus, do judaísmo do século 1, da geografia da Judeia e da Galileia etc.), mas naquilo que Marcos está procurando ensinar a seus leitores por meio das informações que forneceu na passagem. Por conseguinte, o objetivo principal deste comentário não é construir uma vida de Jesus de Nazaré, mas identificar o significado de Marcos, ou seja, aquilo que o segundo

Evangelista procurou ensinar com seu Evangelho. O público original de Marcos e seus leitores posteriores têm encontrado, desde então, uma palavra da parte de Deus no registro inspirado desse significado mediante as palavras e o conteúdo que o Evangelista escolheu.

Este comentário não foi escrito em um vácuo, mas tem uma grande dívida com os inúmeros estudiosos que, ao longo dos séculos, têm contribuído para o avanço de nossa compreensão do Evangelho segundo Marcos. Espera-se que a presente obra sirva de alguma forma para ampliar essa compreensão. Desejo agradecer às muitas pessoas que me ajudaram a escrever este comentário. Incluídos aí estão Gloria Metz, secretária do corpo docente do Bethel Seminary, que por vinte anos tem sido para mim um presente dado por Deus e me livrou de muitas dificuldades com meu computador; James M. Hamilton Jr., estudante de pós-graduação que leu cuidadosamente várias partes do manuscrito e laboriosamente verificou as referências; meus alunos que, ao longo dos anos, questionaram e aguçaram meu pensamento, enquanto avançávamos no estudo de Marcos; a Bethel University, o Bethel Seminary e o The Southern Baptist Theological Seminary, onde tenho tido o privilégio de ensinar por mais de trinta e cinco anos; Robert W. Yarbrough, meu coeditor na série BECNT e cujas sugestões fizeram desta uma obra melhor do que seria, caso não tivesse tido suas sugestões; a editora Baker Academic pelos muitos anos em que temos trabalhado juntos na publicação de nove obras; e, acima de tudo, minha esposa, Joan, que com paciência me incentivou e de bom grado adiou vários planos ao longo dos anos para que esta obra pudesse ser concluída. É impossível exagerar minha gratidão por tê-la como parceira neste e em outros livros meus. Ela sempre foi e sempre será o amor da minha vida e minha parceira no ministério.

Reduções gráficas

Bibliográficas e gerais

ABD	FREEDMAN, D. N. et al., orgs. <i>The Anchor Bible dictionary</i> (New York: Doubleday, 1992). 6 vols.
ANF	<i>Ante-Nicene fathers</i>
AT	Antigo Testamento
b.	Talmude da Babilônia
BDAG	<i>A Greek-English lexicon of the New Testament and other early Christian literature</i> . Organização de W. Bauer; F. W. Danker; W. F. Arndt; F. W. Gingrich. 4. ed. (Chicago: University of Chicago Press, 2000)
BDF	<i>A Greek grammar of the New Testament and other early Christian Literature</i> . Organização de F. Blass; A. Debrunner; R. W. Funk (Chicago: University of Chicago Press, 1961)
c.	cerca de
DJG	<i>Dictionary of Jesus and the Gospels</i> . Organização de J. B. Green; S. McKnight (Downers Grove, IL: InterVarsity, 1992)
DNTB	<i>Dictionary of New Testament background</i> . Organização de C. A. Evans; S. E. Porter (Downers Grove: InterVarsity, 2000)
ESV	English Standard Version
IDB	BUTTRICK, G. A., org. <i>Interpreter's dictionary of the Bible</i> (Nashville: Abingdon, 1962). 4 vols.
ing.	(versões em) inglês
JB	Jerusalem Bible
KJV	King James Version
LCL	Loeb Classical Library
LXX	Septuaginta
m.	morto em
m.	<i>Mishná</i>
ms(s)	manuscrito(s)
NA ²⁷	<i>Novum Testamentum Graece</i> . Edição de B. Aland et al. 27. ed. (Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1993).

NAB	New American Bible
NASB	New American Standard Bible
NEB	New English Bible
NIV	New International Version
NJB	New Jerusalem Bible
NLB	New Living Bible
NLT	New Living Translation
NRSV	New Revised Standard Version
NT	Novo Testamento
Q	<i>Quelle</i> (palavra alemã que significa “fonte”), material comum a Mateus e Lucas não encontrado em Marcos
Rab.	<i>Rabá</i>
REB	Revised English Bible
RSV	Revised Standard Version
<i>t.</i>	<i>Toseftá</i>
TDNT	<i>Theological dictionary of the New Testament</i> . Organização de G. Kittel; G. Friedrich; tradução para o inglês e organização de G. W. Bromiley (Grand Rapids: Eerdmans, 1964-1976). 10 vols.
TI	tradução em inglês
TM	Texto Massorético
TNIV	Today’s New International Version
TR	<i>Textus Receptus</i>
UBS ⁴	<i>The Greek New Testament</i> . Edição de B. Aland et al. 4. ed. rev. (Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft e United Bible Societies, 1994).
<i>y.</i>	Talmude de Jerusalém/da Palestina

Bíblia hebraica

Gn	Gênesis	Jó	Jó
Êx	Êxodo	Sl	Salmos
Lv	Levítico	Pv	Provérbios
Nm	Números	Ec	Eclesiastes
Dt	Deuteronômio	Ct	Cântico dos Cânticos
Js	Josué	Is	Isaías
Jz	Juízes	Jr	Jeremias
Rt	Rute	Lm	Lamentações de Jeremias
1 e 2Sm	1 e 2Samuel	Ez	Ezequiel
1 e 2Rs	1 e 2Reis	Dn	Daniel
1 e 2Cr	1 e 2Crônicas	Os	Oseias
Ed	Esdras	Jl	Joel
Ne	Neemias	Am	Amós
Et	Ester	Ob	Obadias

Jn	Jonas	Sf	Sofonias
Mq	Miqueias	Ag	Ageu
Na	Naum	Zc	Zacarias
Hc	Habacuque	Ml	Malaquias
Testamento grego		Cl	Colossenses
Mt	Mateus	1 e 2Ts	1 e 2Tessalonicenses
Mc	Marcos	1 e 2Tm	1 e 2Timóteo
Lc	Lucas	Tt	Tito
Jo	João	Fm	Filemom
At	Atos dos Apóstolos	Hb	Hebreus
Rm	Romanos	Tg	Tiago
1 e 2Co	1 e 2Coríntios	1 e 2Pe	1 e 2Pedro
Gl	Gálatas	1, 2 e 3Jo	1, 2 e 3João
Ef	Efésios	Jd	Judas
Fp	Filipenses	Ap	Apocalipse

Outras obras cristãs e judaicas

<i>Apoc. Ab.</i>	<i>Apocalipse de Abraão</i>
<i>1Apol.</i>	Justino Mártir, <i>Primeira apologia</i>
<i>Asc. Is.</i>	<i>Martírio e ascensão de Isaías</i>
<i>Asc. Moisés.</i>	<i>Ascensão de Moisés</i>
<i>Barn.</i>	<i>Barnabé</i>
<i>Br</i>	<i>Baruque</i>
<i>2Br</i>	<i>2Baruque</i> (Apocalipse sírio de Baruque)
<i>3Br</i>	<i>3Baruque</i> (Apocalipse grego de Baruque)
<i>Cart. Aríst.</i>	<i>Carta de Arístéas</i>
<i>Cels.</i>	Orígenes, <i>Contra Celsum</i> [<i>Contra Celso</i>]
<i>1 e 2Clem.</i>	<i>1 e 2Clemente</i>
<i>Diál.</i>	Justino Mártir, <i>Diálogo com Trifo</i>
<i>Did.</i>	<i>Didaqué</i>
<i>2Ed</i>	<i>2Esdras</i> (ou <i>4Esdras</i>)
<i>1En</i>	<i>1Enoque</i> (Etiópe)
<i>2En</i>	<i>2Enoque</i> (Eslavo)
<i>Eo</i>	<i>Eclesiástico</i>
<i>Evang. Tomé</i>	<i>Evangelho de Tomé</i>
<i>Haer.</i>	Ireneu, <i>Adversus Haereses</i> [<i>Contra Heresias</i>]
<i>Herm. "Vis."</i>	<i>O Pastor de Hermas, "Visões"</i>
<i>Hist. ecl.</i>	Eusébio, <i>História eclesiástica</i>
<i>Inf. Tomé</i>	<i>A infância de Cristo segundo Tomé</i>
<i>Jos. Asen.</i>	<i>José e Asenate</i>

Jt	Judite
<i>Jub.</i>	<i>Jubileus</i>
<i>Mart. Pol.</i>	<i>Martírio de Policarpo</i>
1 a 4Mc	1 a 4Macabeus
<i>Mek. R. Ish.</i>	<i>Mekilta de Rabino Ismael</i>
<i>Midr.</i>	<i>Midrash</i>
<i>Or. sib.</i>	<i>Oráculos sibilinos</i>
Sb	<i>Sabedoria de Salomão</i>
<i>Sl. Sal.</i>	<i>Salmos de Salomão</i>
<i>Sn.</i>	<i>Susana</i>
<i>T. Ab.</i>	<i>Testamento de Abraão</i>
<i>T. Aser</i>	<i>Testamento de Aser</i>
<i>T. Benj.</i>	<i>Testamento de Benjamim</i>
<i>T. Dã</i>	<i>Testamento de Dã</i>
<i>T. Iss.</i>	<i>Testamento de Issacar</i>
<i>T. Jó</i>	<i>Testamento de Jó</i>
<i>T. Judá</i>	<i>Testamento de Judá</i>
<i>T. Levi</i>	<i>Testamento de Levi</i>
<i>T. Mois.</i>	<i>Testamento de Moisés</i>
<i>T. Naf.</i>	<i>Testamento de Naftali</i>
<i>T. Sal.</i>	<i>Testamento de Salomão</i>
Tb	<i>Tobias</i>

Josefo e Filo

<i>Ant.</i>	<i>Antiguidades dos Judeus (Josefo)</i>
<i>C. Ap.</i>	<i>Contra Ápion (Josefo)</i>
<i>Decálogo</i>	<i>Do Decálogo (Filo)</i>
<i>Embaixada</i>	<i>Da embaixada a Gaio (Filo)</i>
<i>Flaco</i>	<i>Contra Flaco (Filo)</i>
<i>G. J.</i>	<i>Guerra dos Judeus (Josefo)</i>
<i>Leis Esp.</i>	<i>Das leis especiais (Filo)</i>
<i>Moisés</i>	<i>Vida de Moisés (Filo)</i>
<i>Posteridade</i>	<i>Da posteridade de Caim (Filo)</i>

Tratados rabínicos

As abreviaturas a seguir são usadas para os títulos dos tratados na *Mishná* (indicados por um *m.* prefixado), na Toseftá (*t.*), no Talmude da Babilônia (*b.*) e no Talmude de Jerusalém da Palestina (*y.*).

'Abod. Zar.	'Abodah Zarah	'Arak.	'Arakin
'Abot	'Abot	B. Bat.	Baba Batra

B. Mešī'a	Baba Mešī'a	Nid.	Niddah
B. Qam.	Baba Qamma	Pe'ah	Pe'ah
Bek.	Bekorot	Pesaḥ.	Pesaḥim
Ber.	Berakot	Qidd.	Qiddushin
'Ed.	'Eduyyot	Šabb.	Shabbat
'Erub.	'Erubin	Sanh.	Sanhedrin
Giṭ.	Giṭṭin	Šeb.	Shebī'it
Ḥag.	Ḥagigah	Šebu.	Shebu'ot
Ker.	Kerithot	Šeqal.	Sheqalim
Ketub.	Ketubbot	Soṭah	Soṭah
Kil.	Kil'ayim	Suk.	Sukkah
Mak.	Makkot	Ta'an.	Ta'anit
Meg.	Megillah	Tamid	Tamid
Me'il.	Me'ilah	Ṭohar.	Ṭoharot
Menah.	Menahot	Yad.	Yadayim
Mid.	Middot	Yebam.	Yebamot
Ned.	Nedarim	Yoma	Yoma
Neg.	Nega'im		

Targuns

Tg. de Ct.	Targum de Cântico dos Cânticos
Tg. de Is.	Targum de Isaías
Tg. de Mq.	Targum de Miqueias
Tg. de Os.	Targum de Oseias
Tg. Neof.	Targum Neofiti
Tg. Qoh.	Targum Qohelet [de Eclesiastes]

Qumran/Manuscritos do Mar Morto

1QapGen	1QGênesis Apócrifo
1QH	Hinos de Ação de Graças
1QpHab	Comentário de Habacuque
1QM	1QRolo da guerra
1QS	1QManual da disciplina
1QSa	Regra da congregação
1QSb	Regra das bênçãos
4Q172	Fragmentos pesher não identificados
4Q174	Florilégio (também 4QFlor)
4Q242	Oração de Nabonido
4Q246	Apocalipse aramaico (anteriormente 4QpsDan ar ^a)
4Q372	4QApócrifo de José
4Q385	Pseudo-Ezequiel

4Q460	<i>Obra pseudepigráfica</i>
4Q500	<i>4QBênção</i>
4Q521	<i>4QApocalipse messiânico</i>
11QTemplo	<i>Rolo do Templo</i>
CD	<i>Documento de Damasco</i>

Papiros gregos

P. Oxi.	<i>Papiro de Oxirrinco</i>
PMG	<i>Papiros Mágicos Gregos</i>

Escritores clássicos

<i>Ep.</i>	<i>Epístola(s)</i> (vários autores)
<i>Hist.</i>	<i>História/Histórias</i> (vários autores)
<i>Nat.</i>	Plínio, o Velho, <i>Naturalis historia</i> [História natural]

Transliteração

Do grego

α	<i>a</i>	θ	<i>th</i>	ο	<i>o</i>	χ	<i>ch</i>
β	<i>b</i>	ι	<i>i</i>	π	<i>p</i>		
γ	<i>g/n</i>	κ	<i>k</i>	ρ	<i>r</i>	ψ	<i>ps</i>
δ	<i>d</i>	λ	<i>l</i>	σ/ς	<i>s</i>		
ε	<i>e</i>	μ	<i>m</i>	τ	<i>t</i>	ω	<i>ō</i>
ζ	<i>z</i>	ν	<i>n</i>	υ	<i>γ/u</i>		
η	<i>ē</i>	ξ	<i>x</i>	φ	<i>ph</i>	·	<i>h</i>

Notas sobre a transliteração do grego

1. Acentos, aspiração branda e *iota* subscrito não aparecem na transliteração.
2. Quando acompanha uma vogal ou um ditongo, a transliteração da aspiração forte aparece antes (e.g., ἄ = *ha*; αἶ = *hai*), mas, quando acompanha a consoante ρ, ela aparece depois (i.e., ῥ = *rh*).
3. O *gama* é transliterado por *n* somente quando precede γ, κ, ξ ou χ.
4. O *ypsilon* é transliterado por *u* somente quando faz parte de um ditongo (i.e., αυ, ευ, ου, υι).

Do hebraico

א	·	ל	<i>l</i>
ב	<i>b</i>	מ/ם	<i>m</i>
ג	<i>g</i>	נ/ן	<i>n</i>
ד	<i>d</i>	ס	<i>s</i>
ה	<i>h</i>	ע	·
ו	<i>w</i>	פ/פּ	<i>p</i>
ז	<i>z</i>	ץ/צ	<i>z</i>
ח	<i>h</i>	ק	<i>q</i>
ט	<i>t</i>	ר	<i>r</i>
י	<i>γ</i>	שׁ	<i>ś</i>
כ/כּ	<i>k</i>	שׂ	<i>ś</i>

ת	t	כּוּ	û	<i>šúreq</i>
כּ	ā	כּ	u	<i>qibbúš</i> breve
כּ	a	כּ	ū	<i>qibbúš</i> longo escrito defectivamente
ח	a	כּה	â	<i>qāmeš hē</i> final (כּה = āh)
כּ	e	כּי	ê	<i>səgól</i> <i>γód</i> (כּי = éy)
כּ	ē	כּי	ê	<i>šērē</i> <i>γód</i> (כּי = éy)
כּ	i	כּי	î	<i>híreq</i> <i>γód</i> (כּי = iy)
כּ	ī	כּ	ã	<i>hāṭēp</i> <i>pataḥ</i>
כּ	o	כּ	ě	<i>hāṭēp</i> <i>səgól</i>
כּוּ	ô	כּ	õ	<i>hāṭēp</i> <i>qāmeš</i>
כּ	ō	כּ	ě	<i>šēwā</i> vocálico

Notas sobre a transliteração do hebraico

1. Os acentos não aparecem na transliteração.
2. O *shēwā* mudo não é indicado na transliteração.
3. Em geral as formas aspiradas ת פ כ ד ג ב não são especificamente indicadas na transliteração.
4. O *dāgeš forte* é indicado pela duplicação da consoante. O *dāgeš* eufônico e o *dāgeš lene* não são indicados na transliteração.
5. O *maqqup̄h* é representado por um hífen.



Introdução ao Evangelho de Marcos

Autoria

À semelhança dos outros Evangelhos canônicos, o autor Marcos não se identifica¹ e não afirma, em momento algum, ser testemunha ocular (cf. Lc 1.2; contraste com Jo 21.24). Os atuais títulos associados aos quatro Evangelhos não são originais, mas foram acrescentados mais tarde (veja abaixo). Não se sabe por que os Evangelhos são anônimos. Alguns sugerem que isso pode ter sido resultado de medo de perseguição, o que é impossível de provar ou refutar. Sabe-se com razoável certeza que isso indica que não havia nenhuma necessidade de os autores se identificarem. No caso do Segundo Evangelho, que por razões de conveniência simplesmente chamo de “Marcos”, o autor era bem conhecido de seus leitores originais e fazia parte da mesma comunidade cristã (Marcus 2000: 17). A ausência de identificação também pode ser resultado do fato de que Marcos e os outros Evangelistas não achavam que aquilo que escreveram era o “evangelho deles”. Marcos não é o Evangelho da “Boa Notícia de Marcos” mas a “Boa Notícia de Jesus Cristo, o Filho de Deus” (1.1). Os títulos associados mais tarde aos Evangelhos canônicos reconhecem isso, pois não descrevem os quatro Evangelhos como “O Evangelho de Mateus”, “... de Marcos”, “... de Lucas” e “... de João”, mas sim como “O Evangelho *segundo* Mateus”, “... *segundo* Marcos”, “... *segundo* Lucas” e “... *segundo* João” (Hengel 2000: 48-53).

Os indícios da autoria marcana do Segundo Evangelho podem ser divididos em dois tipos: externos (tradição) e internos (o que podemos saber acerca do autor do texto com base no próprio texto de Marcos). Os dados da tradição favoráveis à autoria marcana podem ser descritos de uma forma

¹A identidade do autor do Quarto Evangelho como o “discípulo amado” em João 21.20-24 não é estabelecida pelo autor, mas por seus seguidores, conforme indicado na frase “*nós sabemos que o testemunho dele é verdadeiro*” (21.24c, grifo adicionado).

geral como antigos, universais e extensos. O mais antigo e mais importante envolve o testemunho de Papias, encontrado em Eusébio (*Hist. ecl.* 3.39.1-17). Escrevendo no início do século 4, Eusébio, o mais importante historiador da igreja primitiva, cita a *Interpretação dos oráculos do Senhor*, obra de Papias hoje perdida.

Marcos se tornou intérprete [ἑρμηνευτής, *hermēneutēs*] de Pedro e escreveu com precisão tudo de que se lembrou — na verdade, não na sequência — das coisas ditas ou feitas pelo Senhor. Pois ele não tinha ouvido o Senhor nem o tinha seguido, porém, como eu disse, mais tarde seguiu Pedro, que costumava ensinar conforme a necessidade exigia, mas sem fazer, por assim dizer, uma organização dos oráculos do Senhor, de modo que Marcos não fez nada de errado, quando, dessa maneira, pôs por escrito ideias pontuais à medida que se lembrava delas. Pois deu atenção a uma única coisa: não deixar de fora nada do que havia ouvido e não fazer nenhuma afirmação falsa nelas. (*Hist. ecl.* 3.39.15)²

De acordo com Eusébio, Papias recebeu essa informação de João, o Presbítero, e de Aristião (*Hist. ecl.* 3.39.4). Uma vez que João, o Presbítero, morreu pouco depois de 100 d.C. (Hengel 2000: 65-6), a tradição que Papias está citando necessariamente remonta às últimas décadas do século 1 e data de perto da época quando Marcos foi escrito (65-70).³ Isso é respaldado pela declaração de Eusébio de que Papias se tornou famoso durante a época de Policarpo de Esmirna (m. c. 155) e Inácio (m. c. 107; *Hist. ecl.* 3.36.1-2; cf. também 3.39.1), bem como pela associação de Papias com Clemente de Roma (m. c. 100; *Hist. ecl.* 3.39.1). O fato de que essa análise de Papias por Eusébio vem antes de sua análise da perseguição no reinado de Trajano (c. 110) em *História eclesiástica* 4 também dá respaldo a uma data perto do final do século 1 (Yarbrough 1983: 186-90; Orchard 1984: 393-403; Gundry 1993: 1027). Por fim, se aceitarmos que Papias conheceu as filhas do “apóstolo Filipe” (*Hist. ecl.* 3.39.9; cf. At 21.8,9), isso também dá respaldo a uma data perto do final do século 1. Assim, o testemunho de Papias é antigo (não mais de trinta anos depois de o Evangelho de Marcos ter sido escrito) e no máximo a apenas uma geração de distância da tradição das testemunhas oculares (os apóstolos — o Presbítero João e

²Os textos gregos e latinos de Eusébio e as citações a seguir podem ser encontrados no final de Aland 2001. Traduções em inglês dessas e de outras referências da igreja primitiva a Marcos como o autor do Segundo Evangelho podem ser encontradas em C. Black 1994: 80-182.

³“Há entre os estudiosos um amplo consenso de que Marcos foi escrito no final da década de 60 ou logo depois do ano 70” (R. Brown 1997: 164, grifo no original).

Aristião — Papias)⁴ e foi provavelmente escrito por ele na primeira década do século 2.⁵

Outras tradições acerca da autoria de Marcos incluem as seguintes:

Os títulos de Marcos (70–100). Os títulos desse Evangelho encontrados na maioria dos mss. gregos têm uma forma mais longa (O Evangelho segundo Marcos, εὐαγγέλιον κατὰ Μάρκον, *euangelion kata Markon*; A D L W Θ f³) e uma forma mais curta (Segundo Marcos, κατὰ Μάρκον, *kata Markon*; ⚭ B). Essas duas formas incomuns evitam intencionalmente o genitivo de autoria (“de Marcos” [Μάρκου, *Markou*]) para enfatizar que aquilo que se segue não é o Evangelho de Marcos mas o evangelho (único e incomparável) segundo o relato de Marcos (Hengel 1985: 65–6). A unanimidade do título incluindo κατὰ Μάρκον em uma forma ou outra é argumento contra uma origem em meados do século 2, e parece que a citação de Papias (veja acima) pressupõe a existência de um título tanto no caso de Marcos quanto no de Mateus (von Campenhausen 1972: 173n123; Hengel 1985: 69), de modo que a associação de κατὰ Μάρκον com o Segundo Evangelho já existia no final do século 1. A antiguidade dessa inscrição é igualmente confirmada pelo fato de ela apontar para um não apóstolo, Marcos, como seu autor, pois, conforme indicado pelos evangelhos apócrifos, já em

⁴Uma declaração de Papias, encontrada em Eusébio, sugere que ele pode ter tido acesso direto a testemunho ocular: “Pois, ao contrário da maioria, não me regozijava naqueles que falam muito, mas naqueles que ensinam a verdade; nem me regozijava naqueles que relatam os mandamentos de outros, mas naqueles que repetiram aqueles mandamentos entregues à fé pelo Senhor e baseados na própria verdade; mas, sempre que vinha alguém que havia seguido os presbíteros [i.e., ‘anciãos’], eu investigava nas palavras dos presbíteros aquilo que André ou Pedro ou Filipe ou Tomé ou Tiago ou João ou Mateus ou qualquer outro dos discípulos do Senhor havia dito e aquilo que Aristião e o presbítero João, discípulos do Senhor, estavam dizendo. Pois eu não supunha que informações de livros me ajudariam tanto quanto a palavra de uma voz viva e sobrevivente” (Eusébio, *Hist. ecl.* 3.39.3–4). É possível interpretar a citação de Eusébio com o sentido de que “Papias foi ouvinte do apóstolo João, o discípulo do Senhor” (C. Black 1994: 87), mas parece que o próprio Eusébio coloca Aristião e o presbítero João depois das testemunhas oculares apostólicas e declara que Papias não teve acesso direto aos apóstolos, mas recebeu as palavras deles por meio de Aristião e do presbítero João (*Hist. ecl.* 3.39.2,6). Quanto à ideia de que Aristião e o presbítero João foram as últimas das testemunhas oculares, veja Bauckham 2006: 15–21.

⁵Na tradição, o único indício concreto que colocaria o testemunho de Papias em uma data posterior vem de Filipe de Side, que escreveu um século depois de Eusébio (c. 430 contra aprox. 324) e era “notoriamente de pouca confiança” (Gundry 1993: 1028). Apesar de várias tentativas de enxergar uma tendência antignostica tardia nos escritos de Papias, não há nenhuma polêmica claramente antignostica em Papias (Yarbrough 1983: 182–3; Hengel 1985: 48).

meados do século 2 era popular atribuir autoria apostólica a obras no estilo dos Evangelhos. Além disso, é bem improvável que o Evangelho original de Marcos tenha simplesmente chegado de forma anônima e inesperada às mãos de seus primeiros leitores. Portanto, é provável que desde o início algum tipo de título tenha sido associado a Marcos (Hengel 1985: 74-84; 2000: 50-6; contra Marcus 2000: 17-8).⁶

O Prólogo Antimarcionista (c. 150-180). “Marcos que foi chamado de ‘Dedos Cotos’, porque, em comparação com o tamanho do restante do corpo, ele tinha dedos que eram curtos demais. Ele era o intérprete de Pedro. Depois da morte de Pedro, o mesmo homem escreveu esse Evangelho nas regiões da Itália” (Grant 1946: 92). O comentário pejorativo sobre os “dedos cotos” de Marcos tem toda aparência de ser uma tradição historicamente confiável.⁷ É muito improvável que uma tradição não original desmerecesse Marcos com essa descrição. Pelo contrário, é mais provável que o comentário procurasse exaltar o autor do Evangelho, acrescentando algo do tipo “que era chamado de ‘Mãos Belas’, pois com elas escreveria ‘o evangelho de Jesus Cristo, o Filho de Deus’”.

Justino Mártir (c. 150). Justino cita Marcos 3.17 (“os filhos de Zebedeu, aos quais deu o nome de Boanerges, que significa ‘filhos do trovão’”) e menciona que isso é encontrado nas *Memórias de Pedro (Diál. 106.3)*.

Ireneu (c. 170). “Mas, depois da partida [ἔξοδον, *exodon*] deles, o próprio Marcos, o discípulo e intérprete [ἑρμηνευτής, *hermēneutēs*] de Pedro, também nos entregou por escrito as coisas pregadas por Pedro” (*Haer.* 3.1.1; C. Black 1994: 99-100).

Clemente de Alexandria (c. 180). “Quando Pedro pregou publicamente a palavra em Roma e, pelo Espírito, proclamou o evangelho, aqueles presentes, que eram muitos, exortaram Marcos, na condição de alguém que havia seguido Pedro por um longo tempo e lembrava o que havia sido falado, a fazer um registro do que tinha sido dito; e isso ele fez e distribuiu o Evangelho entre aqueles que lhe haviam pedido. E quando o assunto veio ao conhecimento de Pedro, ele nem desautorizou nem

⁶Hengel (1985: 81) ressalta que, assim que uma comunidade eclesial possuísse dois evangelhos diferentes na biblioteca da igreja, teriam sido necessários títulos para distingui-los.

⁷Marcos também é chamado de “Dedos Cotos” em Hipólito, *Refutação de todas as heresias* 7.30.1 (C. Black 1994: 116; a referência é encontrada em ANF 5.112 [7.18.1]).

incentivou sua distribuição” (Eusébio, *Hist. ecl.* 6.14.6–7 LCL).⁸ Embora Clemente de Alexandria mencione que Marcos escreveu seu Evangelho enquanto Pedro ainda estava vivo, a grande maioria das primeiras testemunhas afirma que ele escreveu após a morte de Pedro.

Orígenes (c. 200). “O segundo é aquele de acordo com Marcos, que o escreveu em conformidade com as instruções de Pedro e a quem Pedro, na epístola universal, também reconheceu como seu filho, falando nestes termos: ‘Aquele que está na Babilônia, eleita juntamente convosco, vos saúda; e o mesmo faz Marcos, meu filho’” (Eusébio, *Hist. ecl.* 6.25.5 LCL).

Tertuliano (c. 200). “Pode-se dizer que aquele Evangelho que Marcos editou é de Pedro, de quem Marcos era intérprete” (*Contra Marciano* 4.5; Barclay, 1976: 121).

Eusébio (c. 324). “Dizem que esse Marcos foi o primeiro a ser enviado a pregar no Egito o Evangelho que ele também havia posto por escrito e que foi o primeiro a estabelecer igrejas na própria Alexandria. O número de homens e mulheres que ali foram convertidos na primeira tentativa foi tão grande e o ascetismo deles era tão extraordinariamente sábio que Filo considerou apropriado descrever a conduta, as assembleias e refeições deles e tudo o mais do modo de vida deles. A tradição diz que ele veio a Roma na época de Cláudio para falar com Pedro, que então estava pregando às pessoas dali” (*Hist. ecl.* 2.16–17.1 LCL).

Jerônimo (c. 400). “Marcos, o intérprete do apóstolo Pedro e o primeiro bispo da igreja de Alexandria, o qual não havia visto pessoalmente o Senhor, o chamado Salvador, foi o segundo que publicou um Evangelho; mas ele narrou aquelas coisas que havia ouvido seu mestre pregar, mais em conformidade com a confiabilidade das coisas realizadas do que com a sequência cronológica” (*Comentário de Mateus*, prólogo, 6; Barclay, 1976: 121).

Com base nos dados acima, fica claro que a atribuição da autoria do Segundo Evangelho a João Marcos é antiga e generalizada. Quanto aos dados internos encontrados no Evangelho em si, embora não consigam demonstrar que seu autor tenha sido João Marcos, eles dão respaldo indireto à tradição

⁸Em *Hist. ecl.* 2.15.1–2 afirma-se que Pedro “autorizou o trabalho de Marcos”.